

EDITORIAL

Oito. Belo número!

Na numerologia, dizem que representa o infinito, mas, também, o sucesso. Para os pitagóricos, o oito representava a harmonia e, entre os budistas, o número de caminhos que levam ao Nirvana. Oito são as portas do Paraíso para o Islã. No Tarô, a eternidade.

Nosso oitavo número da revista Sinais traz um conjunto de oito artigos e uma entrevista que cobre um variado leque de temas. Abrimos essa edição com o artigo de Celeste Ciccarone, que coloca em questão “os obstáculos existentes para o reconhecimento de identidades e direitos de povos e comunidades tradicionais que vivem no município de Vitória (ES)” e a disputa por “um espaço urbano identificado como área de proteção ambiental integral, envolvendo poder público municipal, ambientalistas e comunidades tradicionais”.

Prosseguimos com o artigo de Vânia Morales Sierra, que versa sobre as transformações registradas ao longo da história nas concepções e políticas acerca das pessoas com deficiência no Brasil. A autora demonstra a importância da Constituição de 1988 para a superação de um padrão de ações baseadas na caridade e no assistencialismo, e que insistia no relativo afastamento daquelas pessoas em relação à vida social em geral e ao trabalho em particular. Segundo a autora, a partir da nova constituição a ênfase passa a ser colocada na temática da inclusão e na ruptura com o “estereótipo da incapacidade”.

Ainda na discussão acerca do preconceito e da discriminação, o artigo de Carlos Castro aborda o tema do homoerotismo a partir da análise de dois contos brasileiros: “História de gente alegre” (1910) de João do Rio e “Aqueles Dois” (1982) de Caio Fernando Abreu. O autor mostra como o preconceito e a discriminação persistem na

cultura brasileira ao longo do século XX, mas que também se registram novas estratégias de aceitação e auto-aceitação do sujeito homoerótico em nossa sociedade e registra a importância da produção literária nessa transformação.

O trabalho de Carlile Lanzieri Junior se dirige ao estudo da forma como a figura materna é apresentada na obra do abade beneditino Guiberto de Nogent, famoso cronista cristão do século XII, onde se destaca a importância da mãe na formação dos valores morais e religiosos dos filhos na Idade Média.

Também com abordagem histórica, o artigo de Vanessa de Mattos se coloca questões metodológicas acerca do uso de processos judiciais como fonte documental para estudos de história contemporânea, no caso, o estudo da atuação dos chamados “esquadrões da morte” durante a Ditadura Militar no Brasil. Fazendo uma pequena revisão da evolução da ideia de História Social, a autora mostra como os processos judiciais podem servir como uma fonte importante para o estudo de grupos atuantes dentro e fora da máquina de Estado, mas apresentam limitações no que se refere ao estudo dos comportamentos das camadas populares.

O artigo de Mauro Petersem Domingues tem uma clara intenção didática. O autor se dedica a apresentar algumas categorias usadas pela Ciência Política para o estudo das relações entre os poderes executivo e legislativo nas democracias contemporâneas, concentrando a atenção nas condições apontadas pela literatura como necessárias à governabilidade e nas formas de governança. O artigo se encerra com uma breve avaliação da qualidade do atual arranjo institucional da democracia brasileira.

Thiago Carminati traz em seu artigo uma revisão bibliográfica dos chamados *subaltern studies*. Originários da Índia, os estudos da subalternidade buscam, segundo Carminati, criticar o “orientalismo” dos estudos ocidentais e procuram “alargar o conceito de

política a fim de realizarem estudos pós-coloniais”, rompendo com o eurocentrismo das percepções acerca das sociedades contemporâneas.

Na seção de memória das Ciências Sociais no Espírito Santo, publicamos relatório de uma pesquisa mais ampla sobre a memória sindical no Espírito Santo realizada por professores do Departamento de Ciências Sociais e de História da UFES em meados dos anos 1990. Nesse relatório, a professora Antonia Colbari (coordenadora do projeto), narra a trajetória dos sindicatos ligados à Central Única dos Trabalhadores e o próprio processo de criação e consolidação da central durante a década de 1980 no estado.

Por fim, este número da Sinais se encerra com uma entrevista à antropóloga Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros, professora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e pesquisadora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Em sua entrevista a professora aborda aspectos de sua formação intelectual desde a graduação em Ciências Sociais no Rio de Janeiro dos anos 1960, os impactos da ditadura militar sobre a universidade e as ciências sociais no Brasil, seus estudos sobre o catolicismo popular e sobre as lutas sertanejas no nordeste brasileiro e reparte conosco um pouco de sua experiência como professora de gerações de cientistas sociais no Rio de Janeiro.

Esperamos que esse oitavo número da Sinais propicie a você, leitor, um encontro com idéias estimulantes e reforce essa parceria que temos cultivado ao longo desses últimos quatro anos. Que o oito seja, para nós, símbolo de uma relação que se perpetue. Bem-vindo à Sinais.

Os Editores